

22 FEV 1987
GERALDO FORBES

Na mesma semana em que o sr. Mikhail Gorbachev pronunciou um muito animador discurso, o sr. José Sarney, para variar, baboseou mais uma desanimadora fala radiofônica.

Para o presidente (só para ele), o Plano Cruzado está vivo e é um sucesso. Por isto, e para salvar o seu ilegítimo mandato, vai agora lançar-nos na aventura de um novo congelamento, ao mesmo tempo em que a imprevidência dos incompetentes aboletados no Ministério da Fazenda, incapazes, depois de ano e meio no cargo, de promover a reestruturação da dívida externa, força-nos a uma moratória indesejada.

Típico deste governo. Em vez de aproveitar as altas reservas para declarar mudanças e limites nos custos e no fluxo da dívida, em vez de juntar a tais alterações medidas de incentivo à capitalização dos créditos e à sua transformação em investimentos, esperou até o último centavo, até o pior e último minuto para, com a habitual cara de bobo, ar de basófia e sem mais opção, anunciar a pindura.

Está claro que feita desta maneira a coisa só nos traz antipatias e descrédito no exterior. Enquanto Deng e Gorbachev abrem seus países ao comércio e a indústria internacionais, o Ribamar, guia genial, trata de fechar o nosso. E o plano Tarzan, a autarquia nos trópicos, uma cabana e várias bananas, o atraso como meta. A inspiradora — a Chita. Só pode ser.

Como a cada dia que passa os países desenvolvidos e o dinâmico sudeste asiático mais integram as suas economias e mais dispensam os produtos dos subdesenvolvidos renitentes, o nosso risco, depois de termos sido um enorme Portugal, é virarmos um gigantesco Uruguai, uma nação em vias de contínua decadência.

Ora, a parte ainda não doente do Brasil recusa-se a aceitar passivamente tão triste destino. O polígono formado por uma linha que sai de São Paulo, passa pelo Sul de Minas, vai até Rondô-

nia e desce para o Rio Grande não quer a sorte do Rio de Janeiro, balneário produtor de carnaval, negociatas e favelas, nem a cruz do Norte-Nordeste, explorado, pobre e imerso na ignorância.

Os que trabalham, produzem e têm fibra não desejam ver o Brasil que constróem para seu filhos transformado em país de 3ª classe, com padrões de vida mais próximos da África que da Europa, simples escala no turismo dos povos ricos em busca de exotismo, samba e mulher pelada.

Acontece que este cenário, longe de pessimista, torna-se cada vez mais possível à medida em que nossos sucessivos desastres econômicos aumentam, como tem sido a tendência dos últimos vinte e cinco anos, a distância que nos separa dos países mais desenvolvidos.

A presente crise econômica é apenas mais um capítulo, embora o mais dramático, da nossa lenta caminhada para os infernos. É tempo, e já estamos muito atrasados, de procurar reverter esta marcha insensata.

Não será, é bom que se diga, a mera substituição da atual e péssima equipe econômica que melhorará de choque a situação. A crise da economia (repete-se o que se tentou expor na infelizmente truncada coluna do último domingo), profunda e gravíssima é entretanto, tão-só o reflexo da ainda mais profunda e grave crise política. Crise que devora o País, desde a malfadada eleição, em 1961, de um farsante irresponsável para a presidência da República.

A geração que com ele subiu ao poder e nele se mantém, de uma forma ou de outra, até hoje é, com certeza, comprovadamente incapaz de atender aos reclamos desta nação e de fazê-la progredir. Como seria possível e, até mesmo, por incrível que pareça, facilitado por nossas imensas riquezas.

Geisel e Brizola, Jânio e Arraes, Quêrcia e Newton Cardoso, Figueiredo e Sarney, Aureliano e Pedro Simon, Fu-

naró e Delfim, Montoro, Ulysses e Maciel, têm todos em comum não o traço da desmesurada ambição política personalista (tão oca de propósitos quanto desprovida de horizontes e falta de idéias), como ainda a inépcia e o despreparo para governar.

Nesta lista nem um só vislumbre, uma escassa sombra de qualquer virtude ou qualidade que pudesse indicar um estadista. Nela, resumida a tragédia brasileira.

Se isto não bastasse e se não fosse suficiente desgraça, tem-se ainda toda a horda satélite de políticos menores e tecnoburocratas, civis e militares, solidamente incrustados nos inúmeros postos de influência de um sistema governamental oligárquico, anacrônico e por isto corrupto e ineficiente.

É este conjunto de forças, melhor, de carreiristas e aproveitadores, que com tanto sucesso tem conseguido o que de outra forma pareceria difícil: atrasar um país rico, jovem e dinâmico. À sua vanguarda posta-se, glorioso, o sr. José Sarney, líder eventual do obsoletismo e obscurantismo da política nacional.

Bananeira não dá laranja e coqueiro não dá caju, diz uma sábia marchinha. Nosso drama tem remédio, mas não terá cura enquanto durar o primado desses atores, canastrões ultrapassados, em descompasso com o presente e irremediavelmente divorciados do futuro.

Já basta de atraso, já basta de incompetência e decadência. Os mortos não podem seguir governando os vivos. Temos de renovar os quadros políticos, alterar a representação na Câmara e mudar os governantes para nos salvar. Ou, emenda muito pior que o soneto, ainda voltam os militares, feitores deste desastre.

Está na hora de ver surgir uma nova geração e de purgar o País desta gente — paisana e fardada — que o aprisiona. Nas mãos da Constituinte o remédio heróico — eleições gerais, diretas, distritais e proporcionais logo após a Constituição.

Amanhã. Logo. Chega desta morte lenta.